REVISTA DA FUNDARTE

E COMEÇA AQUI O COMEÇO RECOMEÇO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA

Samira Lessa Abdalah[1]

Resumo: Uma escrita que problematiza o próprio ato de problematizar a pesquisa. De que maneira propor novos tipos de perguntas-problemas de pesquisa? Por uma ótica da Filosofia da Diferença, a escrita investiga o pensamento de uma escrita dançante e um fazer artistador da escrita-leitura para discorrer sobre como imagens poéticas podem contribuir para criar novas possibilidades de se fazer ler-escrever e pesquisar. O pesquisador não anseia por problemas dados e nem por respostas prontas, já que a pergunta-problema pensa que seu pensar é criar. Os problemas não são postos simplesmente, mas produtos de invenção. Este Ser criador escorrega, foge, a todo instante, de seus lugares comuns, do já conhecido.[2]

Palavras-chave: Dança; Pesquisa; Tradução; Escrividança.

AND START HERE THE BEGINNING OF A RESEARCH PROBLEM

Abstract: A writing that problematizes the act of problematizing the research. How do I propose new types of research questions? From an optics of Philosophy of Difference, writing investigates the thought of a writing dance and a an artistic way of writing-reading to discuss how poetic images can contribute to create new possibilities to read-write and research. The researcher does not crave for data problems or ready answers. Since the problem question thinks that your thinking is creating. Problems are not simply put, but products of invention. This creative Being, slides, flees, at any moment, from its common places, of the already known.

Keywords: Dance; Research; Translation; Escrividança.

E começa aqui o começo recomeço de um problema de pesquisa

"E começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço" (CAMPOS, 2004, p.13) as palavras nesta folha digital, ou de papel, para escrever sobre o seu problema de pesquisa. Pesquisa problemática deste pesquisador que pensa que pesquisar é criar. Não, não, que a problemática pesquisa de um pesquisador que pesquisa que o pensar é criar. Ele lê, que o

[1] Formada em dança-licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Uergs, Unidade Montenegro. Graduanda no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.Fundadora e atuante no grupo de artistas Singulativo Artístico desde 2014. Instrutora de Yoga desde 2010

[2] Orientação: Sandra Mara Corazza (UFRGS)

ABDALAH, Samira Lessa. E começa aqui o começo recomeço de um problema de pesquisa. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.97-112, ano 18, nº 35, janeiro/junho. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 18 de junho de 2018.

ato do pesquisador é como uma viagem, e "quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem, mas o começo da" (CAMPOS, 2004, p.13), por isso começa a escrever. Essa escrita passa a ser desenvolvida por um pesquisador que pergunta, a todo instante, qual o seu problema de pesquisa?

E, de uma pergunta, surge outra e mais outra – e, assim, sucessivamente. As perguntas multiplicam-se sem parar e seguem fluxos de bumerangue. Vai e volta, começa e recomeça, e sempre que retorna, volta de outra maneira do que foi. O pesquisador, ao perguntar-se sobre o pensar, não o quer representar sobre um Si pensante, ele quer pensar que seu pensamento possa ir além das representações. Este ser que pesquisa é "alguém que não se deixa representar e que também não quer representar quem quer que seja" (DELEUZE, 1988, p.129). Diante do problema de pesquisa esse ser se diferencia para voltar a tornar-se, e assim, poder inventar, criar. Em cada pergunta feita sobre seu problema uma imagem se forma, mas digamos que dessa imagem não se fixe uma única representação. As generalizações não lhe são interessantes, prefere perceber as multiplicidades de cada imagem nos seus detalhes, como escreve Bachelard (1989).

O pesquisador não anseia por problemas dados e nem por respostas prontas. Já que a pergunta problema pensa que seu pensar é criar. Os problemas não são postos simplesmente, mas produtos de invenção. Este Ser criador escorrega, foge, a todo instante, de seus lugares comuns, do já conhecido. Já que "a invenção dá o ser ao que não era, podendo nunca ter vindo" (DELEUZE, 1999, p.9). Quando acontece o ato criador na pergunta-problema? De que maneira a pesquisa inventa? Como inventar a partir dos problemas dados, daquilo que já se conhece, fazendo outra coisa?

Essa pergunta-problema, pesquisa problemática, pesquisador que pergunta o problema e faz gaguejar a problemática da sua pesquisa. Assim, "onde o fim é o começo onde escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso" (CAMPOS, 2004, p.12) começa e recomeça a escrita.

Qual é a intenção da pesquisa? Como produzir uma escrita inventiva que traduza a partir de algo já feito, já pensado?

O problema de pesquisa crê que o pensamento é criação, mas não é tão simples assim a ideia de criar. Este pensar é uma imagem-pensamento múltipla e singular ao mesmo tempo. É uma espécie de linguagem e movimento onde não há coisas feitas, mas estados em movimento. Nesse fluxo de escrita, o pesquisador lê e escreve ao mesmo tempo, ele coreografa as palavras vindas dessa escrita e leitura e maneja a dança que lhe é ofertada no momento. Sim, no momento, já que pesquisa pelo acontecimento deleuziano dos estados das coisas, do instante.

Da Pesquisa do acontecimento

Deleuze, um dos filósofos mais importantes do pós-estruturalismo, foi professor da Universidade de Paris VIII, atualizou muitos conceitos como devir, singularidades, acontecimento e vários outros. Tratar o acontecimento e o pensamento pelo viés deleuziano é lidar com a criação de conceitos que os atualizem no perpétuo jogo entre virtuais e atuais por uma filosofia da multiplicidade. Por romper com a filosofia do sujeito e de consciência, ele nos convida a criar junto conceitos vindos de estudiosos como Kant, Bergson, Nietzsche, Espinosa, Kafka, Carmelo Brene, Artaud, entre outras poderosas intersecções. Acontecimento se produz como devir, ou seja, fluxo de intensidades, modos de pensar, agir e viver, são os estados de coisas. Para Deleuze e Guattari, no livro *O que é filosofia?* (1994), o acontecimento é a realidade do virtual, que depende dos três modos de pensar: a ciência, a filosofia e as artes. De maneira que, no campo da pesquisa, o acontecimento não se esgota, num contínuo devir, que violenta o pensar de um pesquisador – seja ele docente, discente – em formas de atuar que sejam além das representações, de um ensino hierárquico, que baseiam por dados históricos.

Para uma pesquisa do acontecimento seguem-se novas maneiras de pensar e de realizar uma crítica-escrileitura, que vão até a singularidade da experimentação de cada pesquisador-professor, num processo de artistagem inventiva da Educação (CORAZZA, 2012, p.14).

E aqui segue a escrita...

O problema de pesquisa se aproxima da vida criadora, deste Ser que inventa a partir de suas afecções, experiências, daquilo que vivencia. Se tanto a pesquisa quanto o pesquisador se afeccionam pelas experiências, elas possibilitam diferentes maneiras de pensar e agir diante daquilo que se escolhe como objeto de pesquisa. O objeto também não é simplesmente um objeto qualquer, com definições objetivas, mas sim, um objeto múltiplo, uma imagem poética que se forma e se deforma. Um objeto movente como as palavras que dançam e mudam de ritmo, onde "cada linha de uma página e cada palavra de uma linha é o conteúdo da palavra da linha da página" (CAMPOS, 2004, p.12) e, dessa forma, impossibilitando um lugar fixo de chegada e partida do objeto. O pensamento não corre por uma linha reta, não pensa que o ser pensante sabe que sabe sobre uma verdade única e ideal. A cada palavra de uma linha é uma chama que acende, é um sonho que acontece, porque, além de pensar, o pesquisador sonha. Sonha o sonho acordado da dança das palavras poéticas. Imagens que se multiplicam, que vêm e vão. "Todo sonhador inflamado é um poeta em potencial" (BACHELARD, 1989, p.11). Toda escrita que queima na chama da vela do sonhador que pesquisa, dança com as imagens das palavras.

"Nenhumzinho de nemnada nunca pode ser tudo pode ser todo pode ser total tudossomado todo somassuma de tudo suma somatória do assomo do assombro" (CAMPOS, 2004, p.12) de escrever, de pensar, de inventar um problema de pesquisa e pesquisar, e escrever na problemática da escrita, da palavra movente. Escri, vi, dancei, dançou, moveu as palavras que se movem

ao não significarem apenas uma coisa só. Conforme Bachelard (1989), é no *animus* que o psicanalista estuda as imagens do sonho e é com o *animus* do escritor que trabalha o que a literatura do fantástico acha nos sonhos noturnos. Essas imagens sonhos, para o psicanalista, são sempre duplas, sempre significando uma coisa outra além dela mesma. Uma imagem psíquica que exige um esforço para pensar; desse modo, Bachelard argumenta que o psicanalista precisaria de um estudo poético para lhe ter gosto pelas imagens, onde seria preciso "menos sonhos em *animus* e mais fantasias em *anima*" (BACHELARD, 1989, p.18). Para o filósofo, a compreensão do mundo tomada pelas questões empíricas levaria o homem ao encontro de inúmeras camadas, visto que as concepções são filtros que mascaram a realidade. Atribui então, em seus estudos sobre o devaneio e a imagem poética, onde traz de C.Jung, os conceitos de uma profundidade da Psique de *animus e anima*, dualidades masculina e feminina. O primeiro sendo o "logos paterno", o qual afirma que a lógica e a razão são qualificações masculinas (CLONINGER,1999, p.85). Para Bachelard, o devaneio pertence à *anima.*

> O devaneio vivido no sossego do dia, na paz do repouso – o devaneio verdadeiramente natural -, é a potência mesma do ser em repouso. É verdadeiramente, para todo ser humano, homem ou mulher, um dos estados femininos da alma. Quem aceitar seguir esses índices [...] regressará a esse gineceu das lembranças que é toda memória, memória antiquíssima (BACHELARD, 2007, p.19).

É na intimidade sensível diante das imagens que se estuda o ser de um sonhador, "o sonhador inflamado une o que vê ao que viu" (BACHELARD, 1989, p.19), aceita a ajuda dos sonhadores e entra no mundo dos poetas, ressignificando -imagens aparentemente unitárias – em palavras poéticas de multiplicidades.

No esforço de pensar em imagens poéticas, enquanto imagens do pensamento e palavras poéticas como operação de práticas de ensino, de invenção de problemas de pesquisa, onde produzem ecos de perguntas sobre

educação. Todo eco- pergunta repete a mesma pergunta com seu próprio eco, reverbera o *"*eco do começo eco do eco de um começo em eco no soco de um começo em eco no oco eco de um soco*"* (CAMPOS, 2004, p.12) no estômago do esforço do pensamento. Uma violência do Fora que grita e produz o eco incessante: qual é o seu problema de pesquisa? Que problema é esse?
É algo a ser resolvido? Um problema dado para uma resposta constituída de verdade?

O pesquisador supõe problemas que, às vezes, lhes são caros, como querer saber quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? Pensa então em suas necessidades, quais suas necessidades presentes naquilo que se dedica a estudar, ler, escrever? Procura investigar de que maneira problematizar, a partir de suas experiências de vida, os estados de coisas daquilo que o afeta. Uma pesquisa intuitiva, um problema que se movimente para além de necessidades gerais ou pessoais, mas junto a essas necessidades se multiplique em sentidos para outras matérias e pessoas. Uma pesquisa e um pesquisador que ecoe perguntas problemas produtoras de diferença. Em que "nenhuma parte ou mais além ou menos aquém ou mais adiante ou menos atrás ou avante ou paravante ou à ré ou a raso ou a rés começo re começo*"* (CAMPOS, 2004, p.12) inicial da escrita. Linhas de páginas, páginas cheias de linhas de escrita, escritura formada por imagens poéticas. Chamas de velas produtoras de multiplicidades de um pesquisador sonhador. Sonha acordado em seus devaneios noturnos.

O pensamento ligado à recognição pode ter sido o "começo onde é viagem onde a viagem é maravilha de tornaviagem é tornassol viagem de maravilha*"* (CAMPOS, 2004, p.12), porém a recognição de um objeto do Eu penso de Descartes ou Platão cai por terra, este Eu não possui mais controle daquilo que pensa ou pensa em saber pensar. A imagem pensamento não se encaixa, ela desencaixa sobre as banalidades pessoais das pessoas, das coisas e daquilo que elas entendem como verdades sobre as coisas. Pesquisa problema coisa, sim, coisa, uma palavra coisa qualquer, um problema coisa, a

coisa que coisou o coisado da palavra coisa problema. O movimento pensante na pergunta que começa e recomeça: qual o seu problema de pesquisa? O que o pesquisador pretende ao perguntar, repetir, problematizar a invenção de problemas? “O novo permanece sempre novo, em sua potência de começo e de recomeço” (DELEUZE, 1988, p.134). Dessa forma, segundo Deleuze, o que se estabelece do novo, não é precisamente o novo, pois o que é próprio dele é produto da diferença. Dessa forma, é uma provocação ao pensamento de forças que vão além de sua recognição, “são potências de um modelo totalmente distinto” (DELEUZE, 1988, p.134). O problema de pesquisa é uma viagem, um navio em alto mar, vento em popa no barco à vela, é uma pesquisa *on the road a la* Kerouac. E com essa viagem de escrita as imagens voam pelos ares, evaporam como água, “por isso começo pois a viagem é o começo e volto e revolto pois na volta recomeço reconheço*”* (CAMPOS, 2004, p12) que esse pesquisador sou eu, tu, nós, vós e eles. Somos todos pesquisadores problemas de problemas de pesquisa, de pesquisas problemáticas. “Para acabar com a escritura para começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura*”* (CAMPOS, 2004, p.12) traduzem-se palavras não minhas e nem vossas, mas deles, autores de prestígio, pesquisadores das palavras, da linguagem, filósofos que ditaram verdades e outros que as problematizam inventando outros conceitos, funções, sensações. E “por isso recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever é o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo*”* (CAMPOS, 2004, p12) sobre os pensamentos dos lugares comuns, das banalidades cotidianas, das verdades do “Eu penso, logo existo”, dos ideais.

O que faz o pesquisador seguir adiante? Deixando-se navegar no barco à vela, deixando de ser o Ser que pensa saber pensar. O que um dia foi, amanhã não será mais o mesmo - e muito menos - o que acaba de ser hoje. O tempo das imagens é lento, profundo em suas superfícies. A palavra poética abre diferentes caminhos, rotas e linhas cruzadas de imagens-pensamento que não necessitam de contexto.

Para Bachelard (2008), a imagem poética é uma emergência da linguagem ao trazer a palavra para além de seu significado, em que o poema pode despertar imagens esquecidas através das palavras e da linguagem da realidade. A imagem poética acontece no momento de seu acontecimento, ela não tem passado, acontece no presente de sua filosofia da poesia, dessa linguagem de um ser novo que se exprime como um "devir de expressão e um devir de nosso ser" (BACHELARD, 1998, p.118). É na sua apropriação da fenomenologia que agrega ligação direta entre o objeto e o significado que comunica-se com a consciência dinâmica da criação. A imagem poética não é nem o objeto formal, nem o objeto material, mas o pré-ato da criação. São os devaneios noturnos, a imagem primordial no instante da psique, a imagem poética torna-se uma origem de consciência.

"As palavras vão além do pensamento" (BACHELARD,1989, p.29), elas colorem o preto e o branco da página. As imagens-pensamento-frases criam nuances, são fissuras e buracos da estrada dessa viagem interminável do mundo dos sonhos do pesquisador, já que tanto a pesquisa quanto o seu problema não serão sanados, resolvidos, pois depois de inventar um problema e pensar sobre ele, logo haverá outro e mais outro e mais outro.

"As palavras, sem dúvida, desertam de suas origens e retomam uma vida estranha, uma vida emprestada ao acaso de simples comparações" (BACHELARD, 1989, p.31); recomeça aqui o pensamento que fez o pesquisador escrever este amontoado de palavras, de frases suas e dos outros. Escreve a escrita do começo e recomeço da pergunta tema da escrita: qual seu problema de pesquisa? É um andar de bicicleta e se pôr ao ridículo caso caia de pernas para o ar, como um dia escreveu Roland Barthes (2012). Pôr-se ao ridículo é arriscar-se a sair do comodismo do pensamento cartesiano, é ridicularizar-se por errar, falar, ler e escrever "errado". Errar no eco da palavra poética e perceber – em seus detalhes – nova sonoridade, novo sentido, novas formas de pensar, ler, escrever e problematizar suas investigações inventando novos problemas.

O pesquisador-sonhador vê nas imagens-pensamento “o seu próprio ser e o seu próprio vir a ser” (BACHELARD, 1989, p.36); dessa maneira, a pesquisa é um objeto de personalidade onírica e fantasmagórica das multiplicidades dos espectros que frequentam as memórias do pesquisador e dão novos sentidos para suas lembranças.

Volta à dança das palavras que torcem por novos sentidos! O sonhador das palavras sempre se compadece pelas sonoridades das palavras! Dancem, dancem, palavras sonhadas! Deslizem pelas linhas de palavras frases, rolem pela escrita escritura da viagem *escrividançante*.

Eis uma escrita do acontecimento que dança e a dança, aqui tida como movimento de escrita, estão para além de ser uma área artística. A escrita pela vida dançante é a própria arte do Ser e sua própria poética de vida. Assim como a escrita e a leitura, a dança acontece no seu próprio acontecer, engaja todo o corpo, esteja ele em deslocamento no espaço ou “supostamente” parado.

O ato de escrever escorre pelas páginas escritas e “torna-se” sem que se torne escritor, e sim uma coisa outra. É debruçar-se até cair por linhas de fuga, fugindo de palavras de ordem, até que se dance e brigue e se remexa por uma escritura que não lide com as palavras como meros objetos, mas por capturas de intensidades, velocidades, sensações, devires. Esses devires que são sem passado, presente e futuro, são desertos povoados, como diria Deleuze (1998). Uma escritura silenciosa, sem início nem fim, um silêncio que se sustenta “daquilo que ainda se ouve ou vai ouvir-se naquilo que não se ouve” (BLANCHOT, 2012, p.37). O desejo de escrever uma escrita-escritura de uma criatura não narrativa, denominada por seus fatores históricos, apostólicos e in – di- vi- bucólicos. O (in)terno não se (di)vide em dois, em duas faces da (vi)da, que se bucoliza por seus passados de glória ou não glória.

Neste movimento de escrita/leitura, o que inquieta pesquisadores-educadores em suas criações? E quando criam? De que maneira conduzir

através de palavras poéticas diferentes modos de pensar em espaços educacionais?

A escrita é uma escritura, uma espécie de criatura, de pintura, de um corpo escritural. A escrita é de vida, de uma vontade de potência, de corpos amorfos e fluxos de forças. A afirmação pela vida, despersonalizada, que vibra por pensamentos múltiplos, por linhas de fuga, linhas *rizomáticas,* linhas que se cruzam por velocidades e planos variados. É uma escrita por vir e de vozes vindas de outro lugar. É com essas vozes que a dança acontece nos espaços educacionais, na vida, no acontecimento e no encontro. Do mesmo modo que a escrita se encontra, se choca com a leitura, a escrita escritura é o corpo linguagem que baila pelas linhas de fuga das vozes ainda por vir.

Ler e escrever estão grudados como carrapato no pesquisador que sonha e opera por um campo de possibilidades de leituras que fazem "gaguejar a própria língua". Esse ato de ler um livro como "se escuta um disco, como se vê um filme ou um programa de televisão, como se recebe uma canção" (DELEUZE,1998, p.4). Não há necessidade de compreender, explicar, dar valor ou importâncias genéricas ou algum tipo de interpretação, se a leitura surte efeitos de intensidades de sons, cores, movimentos, imagens que passam e não passam. Essa leitura é alegre, como se o leitor fosse um fantasma do escritor (BACHELARD, 2008, p.190). É valorizar as imagens poéticas como forças que vão além do representado, pois são objetos, conceitos, sensações, fórmulas, planos e linhas que se movimentam pelas palavras poéticas e tudo que ainda não foi dito por elas.

E assim, começo *"*um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo e volto e revolto pois na volta recomeço reconheço remeço um livro*"* (CAMPOS, 2004, p12), este ser do livro, páginas em branco cheias de memórias já existentes em busca de invenção. O livro vida em potência, a alegria do viver sem dogmatismos e mais outros "ismos" que limitam a experiência do viver, do pensar, do ler e do escrever.

O livro vida da escrita escritura do problema de pesquisa que viaja sem saber o seu destino. Suas imagens poéticas inventam palavras-frases nessas linhas das páginas para forçar o pensamento da linguagem que dança. Desloca fluxos de uma escrita que começa e recomeça, pergunta e re pergunta qual seu problema de pesquisa? E que problema é esse? Isso já foi escrito em linhas anteriores, mas agora já deve ter outro sentido depois de ler até aqui o que já foi escrito.

O pesquisador sonha que sua imagem poética é o livro, o livro escritura, o livro vida e "todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro por isso o fim- começo*"* (CAMPOS, 2004, p.12) do livro viagem. O que começou termina e recomeça a viagem sem destino cujo percurso são os detalhes das multiplicidades das imagens. Tal que *"*começa e fina recomeça e refina se afina o fim no funil do começo*"* (CAMPOS, 2004, p.12) da escrita sonhadora, pois quem sonha e se une à matéria das coisas – dramatiza o insignificante. A escrita-livro-vida *"*afunila o começo no fuzil do fim no fim do fim recomeça o recomeço refina o refino do fim e onde fina começa*"* (CAMPOS, 2004, p.12), pois o pesquisador que sonha nunca termina de sonhar, ele dramatiza a vida. O livro que escreve nas páginas do seu dia a dia é de palavras poemas, devaneios da "anormalização" dos seus significantes.

A chama acende e ilumina o livro, somente o livro do pesquisador solitário. Solitário em suas perguntas-problemas, em seus devaneios e lembranças. "Faço-me só, profundamente só, com a solidão de um outro" (BACHELARD, 1989, p. 57).

A chama chama verbo
O chamado da chama
chamou o verbo que disse:
Chama, chama o
Verbo verbalizar...

Verbaliza o livro viagem da escrita recomeçada para pensar? Para estudar? Para experienciar? Para ser? Ter? Fazer? E quem é esse ser que

pensa? Não existe verdade primeira, mas erros primeiros de ideias anteriores. Este pesquisador sonhador é um deserto povoado, no seu devaneio do livro vida escrita.

E, de novo, começo... Qual o seu problema de pesquisa?

Uma artistagem de escrita dançante

Há vontade de artistar a escrita como possibilidade de pensar modos de ensino, modos de pensar e problematizar as perguntas-problemas de pesquisa. Ser artista significa: não calcular nem contar; amadurecer como uma árvore que não apressa a sua seiva e permanece confiante durante as tempestades de primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois (RILKE, 2006, p.35-36). Artista não está aqui como algo glamoroso ou tomado por "alguém" em grau de importância ou saliência, mas sim como um modo, um devir que se verbaliza no fazer artistador. Artistar requer ver, cheirar, tocar as palavras como uma dança que muda de ritmo a cada probabilidade de criar imagens poéticas para as mesmas. É brigar nesta luta dançante das palavras e seus significados para além do que elas representam. A dança é o rastro de uma luta — não é por acaso que a palavra *dança* pode tomar, em várias línguas, o sentido coloquial de *briga* ("buena danza se armó!") (BARTHES, 1989 *apud* PERRONE-MOISÉS, 1989, p.66).

Os rastros, os suores da luta ou da dança estão para aquele que se coloca a viver de perguntas e perguntar sem a preocupação ou expectativa para respondê-las. É reconhecer que depois do inverno a primavera volta a florescer. Pois a criação de problemas dá movimento para o pensar; traz a ideia de desconforto constante do frio do inverno e ativa a ação de encontrar um lugar mais quente, maneiras de se aquecer sem virar um gato que se aninha no primeiro cobertor que encontra.

É preciso exercitar a "mão obreira que, em devaneios da vontade, enfrenta qualquer tipo de matéria" (BACHELARD, 1994, p.25) sendo um

artesão livre em sua criação que se baseia na “vontade desatada pela imaginação”, imaginação da imagem poética dos sonhos acordados. Por uma escritura corpo de devires dançantes, que nos remete ao mundo inconsciente, surrealista, dos sonhos e das imagens poéticas. Assim, o corpo é uma linguagem que desterritorializa os significados representativos e, se as palavras poéticas se metamorfoseiam em devires dançantes, o CorpoLinguagem da escrita ressignifica imagens dogmáticas do ensino.

No momento, o ato de escrever pede um pequeno intervalo e o corpo físico, biológico clama por uma *crazy dance,* como assim dizia Kazuo Ohno. Aquecer o corpo, fazer circular o sangue e deixar-se mover, tornando-se o próprio movimento, no próprio lugar que se encontra e assim sendo- ele, no momento presente, tal qual uma imagem poética. A *crazy dance* é “ler levantando a cabeça”, interrompendo a leitura e a escrita por “afluxos de ideias, excitações, associações” (BARTHES, 2012, p.26). Mover o corpo quando os olhos estiverem cansados e as costas doloridas de ficar sentado ao interrogar a própria leitura de modo que o interesse se volta não só para aquele que escreveu o texto, mas sim para aquele outro que o está lendo. Quem está dançando? O que está sendo dançado? Quando dançam-se?

Traduzir é a ação dançante que deseja atribuir novos sentidos a partir da matéria que é trabalhada, porém, esta matéria não é tida como um mero objeto. Este modo de *escrileiturar* o que se lê e escreve como se assistisse a um filme ou *vídeo clip*, operando de maneiras dançantes as imagens poéticas no instante de suas *escrileituras* é, talvez, o ato de pensar em novas formas de se perguntar e problematizar seu, teu, nosso problema de pesquisa?

O corpo dançante se escreve no espaço, onde “as tintas de escrever, por suas forças de alquímica tintura, por sua vida colorante, pode fazer um universo, se apenas encontrar seu sonhador” (BACHELARD, 1994, p.79).

Sonhar acordado no devaneio dançante com as forças dos espíritos da terra, do Universo e compreender que os espaços entre a ação de ler e escrever, entre a ação de traduzir-se em fantasmas de autores múltiplos requer

certa disciplina, esforço e treino para se propor a criar, ao se perguntar constantemente “O que é pensar?” (CORAZZA, 2014, p.11).

Está no viver as forças dos encontros, “o seu corpo veste o universo. Você incorpora as experiências que adquire, mesmo que não saiba disso. Você se alimenta da vida e a compartilha com os outros” (OHNO *pud* BAIOCCHI, 1995, p.49).

No movimento tradutório é preciso fazer sentido dos acontecimentos por meio das experimentações, zelando para não repetir as mesmas questões sobre os mesmos prismas. O que torna valioso enquanto pesquisa é o processo, o andar, o deslizar, o dançar e o lutar das *escrileituras* pondo a vida e o viver, o pensar em transcriações que diagramatizam “o mapa do mundo, por meio da alegria de ler e da liberdade vital de escrever” (CORAZZA, 2015, p.35).

Há rumores (BARTHES, 2014) que implicam uma coletividade de corpos, que balbuciam a própria língua, essa língua gaguejada que movimenta um significante inaudível, inominável. É trazer uma suspensão de sentidos para o rumorejar dos corpos, estes corpos linguagens escapam de toda rigidez, de todas as articulações duras e músculos enrijecidos. Rumorizar o rumor dos ruídos do prazer que “funciona” (BARTHES, 2014, p.95).

*“*E começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço*”* (CAMPOS,2004, p.12) qual é o seu problema de pesquisa? Como rasgar as páginas velhas de livros antigos e renová-los com as vozes vindas de outros lugares? Como transcriar aquilo que já foi e ainda será? De que maneira rumorizar a língua, mesmo por modos de práticas artísticas sem repetir aquilo que já foi dito, feito, pintado, dançado?

Remeço perguntas por achar mais interessante mover as palavras a partir delas, fazê-las dançarem por pontos de interrogação, pois os pontos finais das respostas prontas cansam a leitura e a escrita de vidas dançantes. É preciso reavivar a todo instante uma vontade de potência (Nietzsche, 2011) do ser pesquisador e da sua própria pesquisa. Onde o fim é o começo, onde

escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso (CAMPOS, 2004, p.12) começa e recomeça num eterno retorno à dança das palavras que apenas dançam no momento em que eu, tu, nós, vós, eles lemos e escrividançamos essa escrita.

Referências:

BAIOCCHI, Maura. *Butoh, Dança Veredas D'alma.* Editora Palas Athena. São Paulo,1995.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. *Aula.* Tradução e posfácio: Leila Perrone- Moisés. Editora: Cultrix, São Paulo,1989.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço.* Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Editora Martins. São Paulo. 2008.

BACHELARD, Gaston. *A Chama de uma Vela.* Tradução de Glória de Carvalho Lins. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro. 1989.

BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar.* Tradução José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro Maria Isabel Raposo. Editora Bertrand Brasil S.A., Rio de Janeiro, 1994.

BLANCHOT, Maurice. *Uma voz vinda de outro lugar. (Trad.* Adriana Lisboa). Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias.* São Paulo: Editora 34, 2004.

CLONINGER, Susan C. *Teorias da personalidade*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORAZZA, S. M. *Ensaio sobre EIS AICE:* proposição e estratégia para pesquisar em educação. Porto Alegre, 2014. Mimeografado.

CORAZZA, Sandra Mara. *Glossário de EIS AICE*. Seminário Especial - Escrileituras no observatório: pesquisa, didática e currículo. Notas de aula. Junho de 2015. PPGEdu – UFRGS. Porto Alegre, 2015.

CORAZZA, S.. M. *Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação.* Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais. Nº8. Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. 2012.

DELEUZE, Gilles. Capítulo III – A imagem do pensamento. In: DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição.* Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p.215-273.

DELEUZE, Gilles. Capítulo 1 – A intuição como método. In: DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo.* Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 1999. p.7-26.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. *Diálogos. (Trad.* Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p. Diagramação e Revisão: Coletivo Bando.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra;* (Tradução, notas e posfácio, Paulo César de Souza). Companhia das Letras, São Paulo,2011.

RILKI, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta.* Tradução Pedro Süssekind. Editora L&PM Pocket, Porto Alegre, 2009.